consensos e controvérsias

Organizadores:

Tom Dwyer
Glaucia Villas Bôas
Celi Scalon

Série
Sociologia das Conflitualidades
Vol. 5

Consensos e controvérsias

Organizadores:
Tom Dwyer
Glaucia Villas Bôas
Celi Scalon

Porto Alegre, 2011

Sumário

A sociologia como profissão pública no Brasil

Simon Schwartzman

"Os filósofos têm apenas interpretado
o mundo de maneiras diferentes;
a questão, porém, é transformá-lo."
(Karl Marx, 11ª Tese sobre Feuerbach, 1845)

De Marx a Foucault

Quantos de nós, presentes neste grande XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, começamos nossas carreiras inspirados nesta tese, mesmo antes de saber sua origem? O projeto intelectual e político do jovem Marx, escrito na flor de seus 27 anos, não poderia ser mais ambicioso. Em termos atuais, ele propunha:

- Uma *filosofia* abrangente que incluía a história, a economia e a sociologia e a própria filosofia, que seria baseada no conhecimento material – científico, empírico – da realidade.
- Uma teoria *de agência*, segundo a qual a realidade não era externa e alheia às pessoas, a ser conhecida de forma abstrata, mas o resultado das práticas coletivas e concretas de transformação social.
- Uma *narrativa da história,* explicitada poucos anos depois no Manifesto Comunista de 1848, que abraçava as conquistas da modernidade, ao mesmo tempo em que a criticava.
- Uma *perspectiva crítica* sobre a religião, o Estado, a economia, a sociedade civil e as instituições, que desmascarava suas alienações atuais e apontava o caminho para sua superação futura.
- Uma *ética de compromisso* pessoal e engajamento em favor dos oprimidos, que fazia do filósofo um homem prático, envolvido e participante dos processos políticos de transformação da sociedade.
- Uma *perspectiva crítica e reflexiva* sobre o próprio conhecimento, que deveria ser validado e interpretado a partir a inserção prática do "filósofo" na vida social.

O que aconteceu com esse projeto desde então?

Primeiro, a *antiga filosofia se fragmentou*. A economia, a ciência política, a antropologia e a própria filosofia se desenvolveram como correntes intelectuais e disciplinas acadêmicas separadas, todas elas pretendendo, de alguma maneira, levar à frente o antigo ideal de, ao mesmo tempo, interpretar e transformar o mundo, mas cada qual à sua maneira, e sem incorporar devidamente os conhecimentos e avanços das demais. Qual o espaço e o lugar da sociologia neste mundo fragmentado das diversas ciências sociais?

Depois, *a grande narrativa* de modernidade e progresso, que Marx e Engels haviam herdado de Hegel e combinado com o evolucionismo do século XIX, *perdeu força e credibilidade*. Não se trata somente de que ela tenha se modificado – podemos interpretar a obra de sociólogos clássicos como Weber e Durkheim como tentativas de retomar, aprofundar e atualizar estas narrativas. Com o fim do "socialismo real", no entanto, e o surgimento do pós-modernismo, são as próprias ideias de valores associados à evolução e ao progresso que entram em crise. O que fica em seu lugar?

O pós-modernismo transformou a *filosofia crítica*, que tinha um forte componente de transformação, no que hoje muitas vezes se chama de "desconstrução", postura geralmente associada a um profundo pessimismo sobre a sociedade e o mundo contemporâneo, na interpretação de autores como Walter Benjamin e Michel Foucault, e da Escola de Frankfurt de maneira geral. Não se trata mais, como para Marx, de criticar o presente para construir o futuro, mas, quase que exclusivamente, para lamentá-lo.

Finalmente, *a sociologia se profissionalizou como disciplina universitária*, e a atuação do cientista social como *intelectual orgânico*, na fórmula proposta por Gramsci e simbolizada pela atuação política de Jean-Paul Sartre até os anos 60, perdeu muito de sua credibilidade, sobretudo, novamente, após o fim do "socialismo real". Que papéis sociais ainda cabem ao sociólogo, espremido entre a ciência política e a economia, sujeito às regras de carreira das universidades, e sem um instrumental técnico e profissional que lhe permita atuar como um profissional "normal", à maneira dos advogados, contadores e administradores?

O resultado de todas estas transformações foi que o *fundamento moral* da ação intelectual e profissional do cientista social, antes baseado no engajamento político em favor de um projeto claro de transformação social, *também se fragmentou e diversificou*. Para muitos dos que continuam na militância política e social, a ética dos direitos individuais, subjetivos e imediatos toma o lugar dos projetos globais e de longo prazo de transformação, e os interesses dos grupos e movimentos em que participam passam a ser interpretados como se fossem

o interesse geral. Para outros, sobretudo nas universidades, prevalecem os valores da produção científica e intelectual, medida de forma empobrecida pelos indicadores convencionais de desempenho acadêmico; para os poucos que se dedicam ao trabalho profissional para clientes públicos e privados, são os valores do sucesso profissional, expresso nas carreiras em empresas e organizações, assim como nas recompensas salariais, que adquirem primeiro plano. E existem ainda os que escrevem e se comunicam com o grande público, através de jornais e livros de cunho geral, e que valorizam sobretudo o papel que possam ter como formadores de opinião.

O crepúsculo da sociologia?

Estas transformações e a fragmentação da antiga *filosofia* nas atuais ciências sociais podem ser vistas tanto como enriquecimento quanto como perda, ou, mais simplesmente, como uma nova realidade que devemos enfrentar. Um exemplo da visão otimista foi dado por Tom Dwyer em seu discurso de posse como presidente da SBS em 2007:

> "Teremos que eleger prioridades dentre as quais gostaria de destacar algumas: garantir que a reintrodução da sociologia no ensino médio seja feita com qualidade e de modo a fortalecer a disciplina; reforçar a capacidade da sociologia brasileira de refletir de maneira rigorosa sobre as transformações no país; contribuir a manter a disciplina aberta à variedade de objetos e de abordagens teóricas e epistemológicas sem levar à excessiva fragmentação; garantir o espaço das ciências sociais dentro de um cenário marcado pela tendência de crescente de padronização da mensuração da produtividade científica; e internacionalizar não apenas o foco mas também o alcance da nossa sociologia."

Não há nada a questionar, muito pelo contrário, em relação a essa agenda de incorporação das diferentes facetas e desafios que a sociologia enfrenta hoje no Brasil – é isso exatamente o que se espera do presidente de uma associação profissional. É possível focalizar a atenção, no entanto, nas dificuldades com que a sociologia se confronta, o que foi feito por José Joaquín Brunner em 1997, por ocasião dos 40 anos da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), em Santiago do Chile. Para Brunner, a sociologia precisa completar o luto de duas grandes perdas, a da grande narrativa da modernidade e a do desenvolvimento das ciências sociais como "Big Science" (Price, 1969), concentrada em grandes instituições como o Banco Mundial, que trabalham com grandes equipes e metodologias mais típicas de disciplinas como a economia, a demografia e a estatística do que da sociologia convencional. Para descrever o que ocorre, Brunner usa a metáfora das tradições e estilos literários:

"Se pensamos no desenvolvimento da sociologia clássica, por exemplo, vemos que ela é como a epopeia do surgimento da modernidade. Sua referência, como na epopeia, é o mundo dos começos, das rupturas originárias: descreve uma espécie de périplo desde o passado. É a assim a passagem da comunidade à sociedade de Toennies; da solidariedade moral à orgânica, de Durkheim; do costume à convenção; dos agrupamentos sem classe nem dominação à história das civilizações; em suma, as 'imagens de corte' de nossa disciplina. Só a partir delas se faz possível, depois, entender os processos – em certo sentido quase-míticos – da racionalização, secularização, universalização, diferenciação, modernização; para não falar em conceitos mais descritivos como urbanização e industrialização. Os próprios autores clássicos da sociologia são 'teóricos épicos', como os chama um autor: no sentido de que suas obras representam um esforço heróico de compreensão, cujo produto é uma sabedoria com a qual podemos conversar até hoje" (Brunner, 1997, tradução minha)[1].

No entanto, esta grande tradição já não teria muito a nos dizer no mundo da pós-modernidade e da pós-história, e a nova sociologia, dedicada ao microscópico e ao qualitativo, não teria conseguido ocupar o seu lugar:

"A grande sociologia fala bem de homens mortos, de atores do passado: o Estado, os partidos, as classes sociais, os sindicatos, as igrejas oficiais, as grandes religiões, as civilizações, as revoluções. Em troca, praticamente não refere aos homens vivos: os doentes da AIDS, soldados, empregados públicos, os mineiros de Lota, ídolos das canções, inovadores, acadêmicos, os pobres de hoje, os novos ricos, os apaixonados, os ressentidos, jogadores de futebol, as vítimas da seca, os grupos emergentes de poder. Por sua parte, as sociologias dramáticas e situacionistas falam pouco e mal dos mortos – das guerras e das epidemias, por exemplo – e, entre os vivos que são sua especialidade, escolhem preferentemente os que se acham de alguma forma excluídos da corrente principal da modernidade." [2]

Em resumo, conclui Brunner, a sociologia teria perdido seu espaço, devendo abrir caminho, agora, para outras narrativas:

---

1 *"Si uno piensa en el desarrollo de la sociología clásica, por ejemplo, verá que ella es algo así como la épica del surgimiento de la modernidad. Su referencia, igual que en la epopeya, es el mundo de los comienzos, de las rupturas originantes; describe una suerte de periplo desde el pasado. Tal es el paso de la comunidad a la sociedad de Tonnies; o de la solidaridad moral a la orgánica, de Durkheim; o de la costumbre a la convención; o de las agrupaciones sin clases ni dominación a la historia de las civilizaciones; en suma, las 'imágenes de corte' de nuestra disciplina. Sólo a partir de ellos se vuelve posible, posteriormente, entender los procesos – en cierto nivel casi-míticos – de la racionalización, la secularización, la universalización, la diferenciación o la modernización; para no hablar de conceptos más descriptivos como urbanización e industrialización. Los propios autores clásicos de la sociologío son 'teóricos épicos', como los llama un autor; en el sentido de que sus obras representan un esfuerzo heroico de comprensión, cuyo producto es una sabiduría con la cual podemos conversar hasta hoy."*

2 *"La gran sociología habla bien de hombres muertos; los actores del pasado: el Estado, los partidos, las clases sociales, los sindicatos, las iglesias oficiales, las grandes religiones, las civilizaciones, las revoluciones. En cambio, prácticamente no se refiere a hombres vivos: los enfermos de SIDA, soldados, empleados del Registro Civil, obreros de Lota, ídolos de la canción, innovadores, académicos, pobres de hoy, nuevos ricos, enamorados, resentidos, jugadores de fútbol, atormentados por la sequía, emergentes grupos de poder. Por su parte, las sociologías dramáticas y situacionistas hablan mal o poco de los muertos – de las guerras o las epidemias, por ejemplo – y, entre los vivos que son su especialidad, elige preferentemente a quienes se hallan de alguna forma excluidos de la corriente principal de la modernidad."*

"Nem suas grandes categorias sistêmicas, nem seus pequenos conceitos de interpretação da vida cotidiana, parecem se sustentar ante o ataque duplo do Banco Mundial e da novela contemporânea. O primeiro descreve e analisa de forma mais competente os sistemas, e proporciona além disto manuais para agir sobre eles. E esta apresenta de forma mais rica do que a sociologia os elementos da vida interior e coletiva. De fato, deveríamos nos perguntar se não seria preferível, ao invés de começar ensinando sociologia através dos autores clássicos e contemporâneos da disciplina, ler as novelas de Joyce, Durrel, Vargas Llosa, Becket, Julián Barnes, Aguilar Camín ou Mafud.[3]

[...]

A sociologia está especialmente mal equipada para as perguntas pós-modernas, que têm a ver, afinal, com pontos de vista instáveis com o 'pensamento débil', com fragmentos, com dilemas de ordem moral, com estórias e estorietas e não com 'a' História. Por sua origem e viés épico irrecuperável, o sistema ideológico e a linguagem de nossa disciplina ficam paralisados ante a falta de seriedade do contemporâneo; ante os jogos de poder; ante a ironia própria de tudo o que é decentralizado, pluralista e diverso em nossa época e em nossas consciências. A sociologia não se sente bem em um mundo em que predominam os estilos de vida, as formas de consumo e não de produção, os travestismos e as paródias, e onde se percebem com tanta clareza as irracionalidades da história. Ela se sente mal em uma época sem tradições, que duvida de si mesma e do progresso, e zomba das estruturas e dos valores, do sagrado e da memória, para se dedicar aos intercâmbios e ao cinismo conceitual, o cultivo pessoal e às crenças esotéricas."[4]

A aparente preferência de Brunner pela novela pode ser interpretada em dois sentidos. O primeiro, com o qual me identifico, é a busca de uma sociologia menos preconcebida, menos pretensiosa, mais aberta à riqueza, à multiplicidade e ao inesperado da vida social. O segundo, que ele certamente não pratica, seria a substituição do modo sociológico de trabalho, dentro dos cânones usuais da observação sistemática, comprovação de hipóteses e refutações, pela produção literária e os métodos típicos da análise textual. O bom escritor tem, em relação ao sociólogo, a vantagem de poder dar asas à imaginação e usar os sentimentos e

3 *"Ni sus grandes categorías sistémicas, ni sus pequeños conceptos de interpretación de la vida cotidiana, parecen sostenerse en pie frente al doble embate del Banco Mundial y la novela contemporánea. Aquel describe y analiza más fehacientemente los sistemas y proporciona además manuales para actuar sobre ellos. Y ésta representa más ricamente que la sociología los elementos de la vida interior y colectiva. De hecho, uno debería preguntarse si acaso no sería preferible, antes que partir enseñando a los autores clásicos y contemporáneos de la disciplina, leer las novelas de Joyce, Durrel, Vargas Llosa, Becket, Julián Barnes, Aguilar Camín o Mafud."*

4 *"La sociología se halla particularmente mal dotada para las preguntas pos-modernas, las cuales tienen que ver, al final, con puntos de vista cambiantes, con el 'pensamiento débil', con fragmentos, con dilemas de orden moral, con historias e historietas y no con 'la' Historia. Por su origen epopéico y su insalvable sesgo épico, el sistema ideológico y de lenguaje de nuestra disciplina se queda paralizado ante la falta de seriedad de lo contemporáneo; ante los juegos del poder; ante la ironía propia de todo lo descentrado, pluralista y diverso que hay en nuestra época y conciencias. A la sociología no le viene bien un mundo en que predominan los estilos de vida, las formas de consumo y no de producción, los travestismos y las parodias, y donde se perciben con tal claridad las irracionalidades de la historia. No le viene bien una época sin tradiciones, que duda de sí misma y del progreso y que se burla de las estructuras y los valores, de lo sagrado y la memoria, para dedicarse a los intercambios y el Cinismo conceptual, al cultivo personal y las creencias esotéricas."*

a intuição própria e dos seus leitores como prova de suas verdades, e além disto domina a arte de escrever. Mas a verdade intuída de um pode ser a falsidade do outro, e poucos sociólogos estariam dispostos a abandonar a ambição do conhecimento comprovável e verificável pela inspiração literária.

Os modos de trabalho e o objeto da sociologia

Na 10ª Tese sobre Feuerbach Marx diz que "o ponto de partida do materialismo antigo é a sociedade civil; o do materialismo moderno, a sociedade humana ou a humanidade social". É possível interpretar esta frase como querendo contrastar a sociedade formada por indivíduos isolados e a humanidade em seu sentido mais pleno, que inclui desde os modos de produção até as estruturas políticas de dominação. Se isto é assim, poderíamos interpretar a tese de que o campo de trabalho do sociólogo é a sociedade civil, defendida por alguns sociólogos hoje, como uma volta a Feuerbach.

É o que faz o sociólogo marxista Michael Burawoy, em um famoso discurso como presidente da American Sociological Association em 2004, que gerou uma grande polêmica que ainda perdura. Imitando Marx, Burawoy propõe também 11 teses em favor do que ele denomina "sociologia pública", e a 11ª é também a mais famosa e contenciosa:

> "Se o ponto de partida da economia é o mercado e seus prolongamentos, e o da ciência política é o estado e a garantia da estabilidade política, então o ponto de partida da sociologia é a sociedade civil e a defesa do social. Em tempos da tirania do mercado e do despotismo do Estado, a sociologia – e em particular seu lado público – defende os interesses da humanidade" (Burawoy, 2007a, p. 55, tradução minha).

Burawoy propõe quatro tipos diferentes de sociologia, que, segundo ele, poderiam e deveriam coexistir. A primeira seria a *sociologia profissional*, que ele define como a sociologia acadêmica, organizada como uma ciência empírica convencional, que existe e se desenvolve nos departamentos de sociologia das universidades. A segunda, também acadêmica, é o que ele denomina de *sociologia crítica*, preocupada com os debates e discussões sobre a natureza da sociologia, como por exemplo esta minha apresentação. As outras duas seriam extra-acadêmicas, de duas modalidades. A terceira seria a *sociologia aplicada*[5] orientada para a implementação de políticas públicas, trabalhando para clientes, preocupada com resultados práticos e efetivos. A quarta, finalmente, seria a *sociologia pública*, em que o sociólogo participa e se envolve em redes que vão além do mundo acadêmico, ajudando a criar públicos com os quais se comunica e que atestam a

5 O termo que usa é "*policy sociology*".

relevância de suas contribuições. Tanto a sociologia profissional quanto a aplicada seriam "instrumentais", enquanto que a sociologia crítica e pública seriam críticas.

Embora Burawoy afirme que os quatro tipos de sociologia devem e podem coexistir, não há dúvida que ele vê a sociologia aplicada como menos digna, e a sociologia pública como a mais importante. Para ele, a sociologia estaria passando por uma terceira fase, que teria deixado para trás o tempo em que se pensava, como Karl Polanyi, que os mercados e a política poderiam ser domesticados pela sociedade (Polanyi, 2001). O objeto da sociologia hoje, afirma, não pode ser mais a construção do Estado nacional e da coesão social, como na primeira fase, nem os direitos sociais, da segunda; o espaço que lhe sobra é o dos direitos humanos. O sociólogo público desta terceira fase é o militante das organizações e movimentos sociais, por fora, independentemente e contra os mecanismos opressivos do Estado e do mercado. Segundo ele:

> "Nesta era da terceira onda de marquetização, a sociologia se volta para a sociedade civil, acima e abaixo do Estado nacional. Abaixo do Estado nacional os sociólogos forjam uma sociologia pública com comunidades locais e até mesmo uma sociologia aplicada associada aos governos locais que devem arcar com o peso do apoio social aos cidadãos, responsabilidade que o Estado federal abdicou. Acima do Estado, a sociologia pública se desenvolve em forte associação com associações, organizações e movimentos transnacionais. A terceira onda de marquetização exige uma sociologia pública que conecta os públicos locais em uma formação global" (Burawoy 2007b, p. 325, tradução minha).

Seria impossível reproduzir aqui as grandes discussões e críticas que estas ideias suscitaram. No ambiente acadêmico norte-americano, onde os sociólogos geralmente vivem encapsulados em seus departamentos universitários, congressos e revistas especializadas, sentindo a ameaça crescente do imperialismo acadêmico dos economistas, que invadem sem cerimônia os campos tradicionais das outras disciplinas (Lazear, 2000), a proposta de uma forte sociologia pública associada aos movimentos sociais, feita justamente pelo presidente da American Sociological Association, não poderia deixar de repercutir. Algumas das críticas foram de que o conceito de intelectual público, ou orgânico (termo emprestado diretamente de Gramsci), proposto por Burawoy, é parcial e sectário, porque associado a uma interpretação extremada da história recente e à demonização do Estado e do mercado; que a "sociedade civil" não é, necessariamente, o espaço da virtude; e de que a subordinação da sociologia científica e acadêmica aos critérios da militância política corre o risco de politizar o campo intelectual da sociologia, cuja força estaria, em última análise, na qualidade da produção científica e independência intelectual de seus participantes (Brint, 2007; McLaughlin; Kowalchuk; Turcotte, 2007; Patterson, 2007; Stinchcombe, 2007; Touraine, 2007).

Na Europa e América Latina, onde a sociologia profissional acadêmica está menos institucionalizada, e onde os sociólogos normalmente dialogam com a

sociedade, escrevem em jornais, publicam livros para o grande público e se envolvem com os grandes temas de políticas públicas, a proposta soa muito menos revolucionária, e a visão extrema da sociedade civil, como o último baluarte da humanidade contra a opressão dos mercados e do Estado, não faz muito sentido.

Em que medida a sociologia no Brasil está se aproximando ou se afastando destes diferentes modos de trabalho, e que consequências podemos esperar desta evolução?

A profissionalização da sociologia no Brasil

A grandiosidade deste XIV Congresso, com centenas de participantes e mais de 30 grupos de trabalho das mais diversas especialidades, mostra o quanto a sociologia brasileira cresceu desde a fundação da Sociedade Brasileira de Sociologia 60 anos atrás, quando todos os sociólogos do país quase cabiam dentro de um fusca. Hoje, só a SBS tem 817 associados. Segundo a CAPES, o Brasil possui 45 cursos de pós-graduação em sociologia, 30 dos quais outorgando títulos de doutorado, com 919 professores, e formando quase 300 doutores por ano ("sociologia" aqui inclui os programas de ciências sociais, mas exclui os de disciplinas irmãs como a ciência política). A pós-graduação em sociologia não é muito diferente, em suas dimensões, das de outras áreas como o direito, a administração, a economia e a educação.

Tabela 1 - Cursos de pós-graduação em ciências sociais

	Sociologia	Ciência política	Antropologia	Direito	Administração	Economia	Educação
Cursos de mestrado	41	21	16	62	42	18	47
Mestrados profissionais	2	1	1	0	23	12	0
Cursos de doutorado	27	11	10	22	25	18	30
Professores de pós-graduação	919	342	289	1.431	1.584	745	2.199
Alunos de mestrado	1.355	485	394	4.293	3.010	1.098	5.757
Titulados mestrado	510	167	360	1.001	692	573	2.862
Alunos de doutorado	1.369	353	148	1.685	1.246	406	2.482
Titulados doutorado	266	53	55	253	134	110	659

Fonte: Portal da CAPES.

As coisas são muito diferentes, no entanto, no nível de graduação, onde o número de estudantes de ciências sociais é reduzido, se comparado a áreas como administração e direito, com mais de 600 mil estudantes matriculados; educação, com quase trezentos mil; e economia, com mais de 50 mil. Juntas, as ciências sociais e a ciência política não matriculam mais do que 35 mil estudantes ao ano, e graduam cerca de 6 mil. Dividindo o número de formados na graduação pelo de matriculados em mestrados nas diferentes áreas, podemos estimar que aproximadamente 1 em cada 2 formados em sociologia busca fazer pós-graduação, comparando com 1 em cada 19 em direito, ou 1 em cada 6 em economia.

Tabela 2 - Cursos de graduação presenciais em ciências sociais, negócios e direito

	Matrículas	**Concluintes**
Ciências sociais, negócios e direito (total)	2.050.282	301.173
Administração	680.687	93.978
Direito	613.950	82.830
Economia	52.631	6.788
Ciências sociais	18.039	2.642
Ciência política e educação cívica	15.294	2.809
Sociologia e estudos culturais	1.482	186
Formação de professor de sociologia	145	57
Formação de professor de estudos sociais	2.922	657
Educação	284.725	66.283

Fonte: Censo do Ensino Superior, 2007.

Esse dado mostra a debilidade do título profissional do sociólogo no nível de graduação. No Brasil, ainda é o titulo de graduação que capacita para o exercício legal das profissões, e tem havido um esforço, ao longo dos anos, de estruturar a profissão do sociólogo desta forma. Temos uma Federação Nacional que congrega sindicatos de sociólogos de vários estados, dos quais o mais importante é o de São Paulo. Estes sindicatos têm militado a favor da criação de Conselhos Federal e Regionais de Sociologia, aos quais os sociólogos diplomados pudessem se filiar, e que pudessem fazer cumprir o que diz o artigo 3° do decreto de regulamentação da profissão de 1984, segundo o qual

> "os órgãos públicos da administração direta ou indireta ou as entidades privadas, quando encarregados da elaboração e execução de planos, programas e projetos sócio-econômicos ao nível global, regional ou setorial, manterão, em caráter permanente, ou enquanto durar a referida atividade, sociólogos legalmente habilitados, em seu quadro de pessoal, ou em regime de contrato para a prestação de serviços" (Brasil, 1984).

Uma das conquistas recentes do Sindicato dos Sociólogos de São Paulo foi assinar, junto com outros sindicatos, uma convenção coletiva de trabalho com o Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva, que, entre outras coisas, fixa um piso salarial regional para os sociólogos de R$ 3.528,00 para 2008/2009. A obrigatoriedade do ensino de sociologia das escolas de ensino médio, aprovada recentemente, é uma outra conquista sindical.

Não conheço dados sistemáticos sobre as atividades efetivas dos sociólogos com diplomas de graduação no Brasil, mas a pouca evidência disponível sugere que não existem muitos empregos para que sociólogos possam trabalhar "na execução de planos, programas e projetos sócio-econômicos", mesmo supondo que eles adquirem esta competência em seus cursos de graduação. E embora a obrigatoriedade do ensino de sociologia nas escolas possa ampliar o mercado de trabalho para os graduados, não há muita evidência de que o magistério secundário já esteja se tornando em uma opção profissional privilegiada para os sociólogos.

Minha hipótese é que os principais campos de trabalho para os sociólogos brasileiros hoje são as organizações não governamentais da sociedade civil, o trabalho na administração pública e a carreira acadêmica. Diferente de Burawoy, acredito que é no mundo acadêmico, da liberdade de pesquisa e do rigor científico, que deveria estar a âncora que desse ao sociólogo a liberdade de trabalhar com autonomia e independência intelectual nos outros setores. A questão que se coloca é se essa âncora realmente funciona, ou se, ao contrário, são as agendas das organizações da sociedade civil e das burocracias públicas, assim como dos partidos e movimentos políticos que permeiam as instituições, que acabam determinando o que ocorre no âmbito da pesquisa acadêmica e profissional.

Não há dúvida que uma sociologia aberta para o público, com temas trazidos pela sociedade e cujas conclusões são testadas e discutidas pela sociedade, é muito mais rica e interessante que uma sociologia trancafiada nos muros disciplinares e dedicada aos rituais dos jogos de poder e prestígio da academia. O desafio que vejo para os sociólogos no Brasil é o de estar atento e sintonizado com essa agenda pública e, ao mesmo tempo, consolidar uma sociologia que mantenha sua independência e sua relevância, tanto em relação os rituais acadêmicos quanto em relação às organizações e movimentos sociais com os quais dialoga ou dos quais participa. Existem duas condições para que isso possa ser feito. A primeira é que o espaço acadêmico possa se fortalecer cada vez mais, fazendo com que os valores e os benefícios do trabalho e da independência intelectual prevaleçam sobre outras motivações e interesses. O segundo é que a sociologia consiga retomar, de forma criativa e significativa, seu espaço intelectual e sua relevância para a sociedade.

Sem poder elaborar muito aqui, eu diria, em relação ao segundo ponto, que a sociologia não precisa nem deve se colocar contra a política e a economia, e que a agenda da modernidade está longe de estar superada (Schwartzman, 2004). Precisamos ainda, e cada vez mais, de um Estado nacional que funcione, de uma economia que produza e distribua a riqueza, e de instituições capazes de fazer a mediação entre o social, o econômico e o político, assim como entre o local e o nacional.

Nada disto é mais campo exclusivo de estudo e ação dos sociólogos. Mas existe uma forte tradição na sociologia de pensar e entender as instituições, que tanto a economia quanto a ciência política negligenciaram quando abraçaram o individualismo metodológico, e que precisa ser recuperada. A elaboração dessa visão institucional, combinada com a perspectiva histórica e a incorporação inteligente das contribuições de outras disciplinas, em textos claros e que façam sentido para os interlocutores de fora dos círculos acadêmicos é o que melhor caracteriza, me parece, o exercício público da profissão de sociólogo.

Alain Touraine, o único europeu a participar das discussões americanas sobre a sociologia pública, assim define o seu papel:

> "É necessário definir a sociologia como a busca dos processos de ação, social e política, que tratam de preencher o espaço entre as situações e as representações. A sociologia não pode mais ser definida como o estudo da sociedade ou dos sistemas sociais em geral, mas como o estudo dos processos através dos quais os determinantes econômicos ou políticos, por um lado, e os indivíduos e grupos socialmente definidos, por outro, possam se conectar, gerando ações coletivas, processos políticos e atitudes pessoais e coletivas" (Touraine, 2007 p. 69).

Me parece um bom ponto de partida.

Referências

BRASIL. Decreto n. 89.531, de 5 de abril de 1984. Regulamenta a Lei n. 6.888, de 10 de dezembro de 1980, que dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo e dá outras providências.

BRINT, Steven. Guide for the perplexed: on Michael Buroway's "Public Sociology". In: NICHOLS, Lawrence T. (Ed.). *Public sociology*: the contemporary debate. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2007. p. 237-262.

BRUNNER, José Joaquín. *Sobre el crepúsculo de la sociologia y el comienzo de otras narrativas*. 1997.

BURAWOY, Michael. For public sociology. In: CLAWSON, Dan et al. (Ed.). *Public Sociology*: fifteen eminent sociologists debate politics and the profession in the twenty-first century. Berkeley: University of California Press, 2007a. p. 23-65.

___. Third Wave Sociology and the end of pure science. In: NICHOLS, Lawrence T. *Public Sociology*: the contemporary debate. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2007b.

LAZEAR, E. P. Economic Imperialism. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 115, n. 1, p. 99-146, fev. 2000.

McLAUGHLIN, Neil; KOWALCHUK, Lisa; TURCOTTE, Kerry. Why sociology does not need to be saved: analytic reflections on public sociology. In: NICHOLS, Lawrence T. (Ed.). *Public sociology:* the contemporary debate. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2007. p. 289-316.

PATTERSON, Orlando. About public sociology. In: CLAWSON, Dan et al. (Ed.). Public Sociology: fifteen eminent sociologists debate politics and the profession in the twenty-first century. Berkeley: University of California Press, 2007. p. 176-194.

POLANYI, Karl. *The great transformation*. Boston, MA: Beacon Press, 2001.

PRICE, Derek J. de Solla. *Little science, big science*. New York: Columbia University Press.,1969.

SCHWARTZMAN, Simon. *Pobreza, exclusão social e modernidade:* uma introdução ao mundo contemporâneo. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

STINCHCOMBE, Arthur A. Speaking truth to the public, and indirectly to power. In: CLAWSON, Dan et al. (Ed.). *Public Sociology:* fifteen eminent sociologists debate politics and the profession in the twenty-first century. Berkeley: University of California Press, 2007. p. 135-144.

TOURAINE, Alain. Public sociology and the end of society. In: CLAWSON, Dan et al. (Ed.). *Public Sociology:* fifteen eminent sociologists debate politics and the profession in the twenty-first century. Berkeley: University of California Press, 2007. p. 67-78.